



# COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

---

## [Recensão crítica a 'Quasi Stellar', de Abel Neves]

Levi Condinho

Para citar este documento / To cite this document:

Levi Condinho, "[Recensão crítica a 'Quasi Stellar', de Abel Neves]", *Colóquio/Letras*, n.º 186, Maio 2014, p. 217-218.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

com alguma poesia *beat* ou «pós-*beat*», nomeadamente de Ginsberg. Vejamos as quarta, quinta e sexta estrofes de «Ode ao Cidadão Anónimo»: «Tu que ainda há pouco alimentavas a ilusão / de que o que fazes é produtivo para o teu país / vais verificando dia a dia / que o teu trabalho é inútil principalmente para ti / porque um dia te despedem / até ficares despido // porque quem não precisa de ti não quer senão o teu voto / e tu que te lixes no lixo / porque o trabalho que fizeste toda a vida / é muito mais bem feito por qualquer robot / e ninguém dá por isso se não for feito / por isso és despedido / Assim desfruta a tua liberdade de desempregado / o melhor que puderes / porque és livre e por isso descartável // Esta é a mais extraordinária descoberta da sociologia / neoliberal / cibernizada e deves ficar feliz com isso!»

Destaque, ainda, para a nota introdutória, assinada por António Preto, e para o invulgar grafismo, com um estreito furo a atravessar todas as páginas, permitindo-nos ver através do livro, embora com uma amplitude limitadíssima... Menos do nosso agrado, o facto de as páginas não serem numeradas, o que dificulta, obviamente, a precisão do trabalho crítico.

*Miguel Martins*

**Abel Neves**

**QUASI STELLAR**

Lisboa, Língua Morta / 2013

Nascido em Montalegre «durante um nevão de primavera», em 1956, Abel Neves é, além de consagrado dramaturgo, romancista e poeta. Diria, sobretudo, poeta, ainda que formalmente a sua produção poética se resume a um livro de juventude (que o autor parece rasurar, mas que, assim o julgo, augurava já o seu grande

talento), ao precioso *Eis o Amor a Fome e a Morte*, de 1998, que injustamente terá passado despercebido, e ao livrinho de 62 páginas que aqui se recenseia, para além de poesia dispersa em livros coletivos ou em revistas.

Transmontano, tocado por um telurismo que tal condição parece conferir, em Abel Neves não se vislumbra aquela tragicidade que nos surge, por exemplo, num Torga, pois o seu *pathos* telúrico é mitigado por uma espécie de desdramatização operada por uma omnipresente ternura, por uma atenta (com)paixão pelo que vive e pelo que é vivido: «quando o gato vê o gafanhoto salta / o gato salta / é a vida» (p. 44).

Sabendo-se do amor que Abel Neves nutre pela música, este livro poder-se-ia comparar a uma peça musical de secções, ou andamentos, sem pausas de separação, percorrendo o andamento principal todo o corpo da obra, mas sendo interrompido por uma espécie de *largo* («viagem à grécia julho de mil novecentos e oitenta e três», p. 20-6), um *larghetto* («avó sentada com chapeuzinho de palha», p. 18-9) e um *scherzo* (sequência de *haiku*, p. 40-7).

A «tábua de matérias», que constitui a peregrinação do poeta e caminheiro solitário pela senda do existir — inteiro em tudo, macro e micro —, podia, talvez, resumir-se à síntese que proclama que «se tem de existir um museu da palavra / que seja uma árvore / que seja uma árvore o museu da palavra» (p. 29). Árvore, viajante estática, recetáculo de sussurros do vento e do canto das aves, e dos segredos do homem que a abraça.

«Quasi stellar disseste» (p. 5), e «disseste quasi stellar» (p. 62), eis como principia e acaba o livro. Imagine-se que alguém (uma mulher amorosa?) tenha segredado estas palavras ao ouvido do poeta em atenção à sua múltipla ação entre o amor, a escrita e a partilha. Sim, quase

estelar, mas num âmbito que, tendo embora em conta os luzeiros noturnos, em Abel Neves é sobretudo diurno — «estes dias fazem-se também com os trabalhos do teu olhar / e o carmim de certos pássaros» (p. 5) —, solar. Poesia delicadamente debruçada e empaticamente entregue à comunhão, quer com o poliedro de fragmentos, de sequências miniaturiais, de pequenos (ou grandes) eventos da realidade, de irrepetíveis visões («as visões que possa ter [...] / não são mais do que isso / visões que naufragam / ali a borboleta o além dela / e pronto», p. 39), quer com o universo do invisível/inaudível («creio na fala do que se não ouve», p. 55). Mas poesia que, amiúde, não esconde a sua preocupação e indignação perante os fatores político-sociais que conduzem à ruína do mundo dos homens e dos outros seres vivos («entre um ganso e um financeiro de elite / não há nada que os distinga quando pensamos em mortalidade / um financeiro de elite não tem penugem e morrerá», p. 57). E nem será necessário vincar a preocupação ecológica em Abel Neves. Todo ele se funde na Natureza («venho com algumas palavras [...] / para ouvir o sono dos carvalhos [...] / alguns giestais arderam alguns arvoredos / têm luz negra os giestais a dos corvos no céu», p. 53). Natureza que não se furta a um característico e grácil ludismo tão caro a este poeta («ouve vou dizer-te / abre com os dedos uma cereja / daquelas de fazer brinco quando a brisa é boa / verás como isso é arrancar o coração ao tempo / o carmesim do suco / é o choro e o riso / dos que se amam impacientes e belos», p. 58). Mas ao vincar o item «Natureza» jamais se excluirá o item «Cultura». Na sua dimensão popular com seus modos e rituais ainda não de todo extintos («o sorriso frágil a bondade os nomes antigos / [...] por exemplo tibaldinho e estadulho», p. 7, ou «rabo ao léu na serra / que frio / ai cu de

inverno», p. 47 — note-se a pequena paródia homofônica *kaiku/ai cu...*), e na sua vertente urbana de discreto mas participado quotidiano citadino. Cultura, ainda, na sua dimensão erudita, que se evidencia inclusive em nomeações ou alusões (Grécia, Egito, Empédocles, Celan, etc.). Aqui, é imperioso referir o notável poema em prosa (p. 60) onde o poeta declara «não sei o que é uma aula de anatomia mesmo havendo uma rapariga apaixonada que a descreva mesmo pondo os olhos n'a *lição de anatomia do doutor nicolaes tulp* de rembrandt [...] uma vez na infância num daqueles jogos imbecis com fisga aos pardais pude ver o pulsar do órgão motor de um pardal agonizante [...] até ali nunca me dera para julgar que a anatomia estivesse tão próxima da teologia [...] até compreender que o dissecar de um corpo com bisturi é copiar para o papel um salmo».

Segundo a etimologia hebraica, Abel significa «sopro». Sopro de vida. Predestinação ou coincidência, é disso que se trata na delicada e generosa poesia de Abel. Lembro Scott Fitzgerald, «terna é a noite», sim, mas terno é o dia, terna é a vida no seu amplo tecido de ocorrências em que «as teceadeiras [...] fazem ferver o sangue / fermentar o absurdo / elas dão cartas à morte / e elas sopro ao nascimento» (p. 34).

*Levi Condiño*

## CARLOS POÇAS FALCÃO

### ARTE NENHUMA

POESIA 1987-2012

Guimarães, Opera Omnia / 2012

Carlos Poças Falcão (n. 1951) é um autor singular. Tendo começado a publicar mais tarde, comparativamente à sua geração (que é a de nomes tão conhecidos quanto diversos, como os de Helder Moura Perei-